

# MÉRTOLA A arqueologia

## Uma entrevista com Cláudio Torres

Cláudio Torres foi para Mértola reescrever a História. Trocou as salas da Universidade pelo campo e pelas escavações. E retirou das profundezas da terra, as memórias do Islão. Um trabalho pioneiro que hoje todos aplaudem. Mas que nem sempre foi assim. Para Cláudio Torres valeu a pena. O que se sabe hoje sobre a civilização islâmica em terras alentejanas tornou a História muito mais rica e complexa. E os seus ensinamentos podem ajudar-nos a viver melhor. Esta é, aliás, a lição da arqueologia urbana. Por: Rosa Amaral

### Como é que um professor universitário vai parar a Mértola?

Foi um daqueles acasos da vida. Um dos meus alunos do Curso de História, Manuel Martins, era o então Presidente da Câmara de Mértola. E um dia convidou o Borges Coelho e eu próprio para visitarmos a sua linda terra.

### E foi amor à primeira vista?

Foi, claro. Nessa primeira visita a Mértola, na Primavera de 78, o Manuel Martins levou-nos ao Castelo e encontrámo-lo logo ali, no chão, à vista de todos, uma série de pedaços de cerâmica de época islâmica, quando só existiam alguns fragmentos no Museu do Louvre. Foi isso que me motivou. Logo nessa visita ficou combinado que voltaria no Verão para fazer uma prospeccção e uma análise mais profunda.

### E a realidade ultrapassou as suas expectativas?

Nós tínhamos uma ideia vaga que o Islão, na Península Ibérica, estava em Córdova, em Sevilha, em Granada e que em Portugal não existia nada. Até então não existia nenhuma informação. Era um desejo latente, já antigo, dos tempos da Faculdade, o descobrir mais sobre esta civilização.

Quando cheguei aqui, depois do 25 de Abril, fiquei sempre a pendular entre dois campos: a sociologia da arte e a arqueologia medieval. E de certa forma, este contacto com Mértola fez-me optar por um dos lados. E foi fácil, quase imediato, encontrar ali uma civilização desconhecida. José Luís de Matos já tinha começado a trabalhar a arqueologia islâmica em Vila Moura, uns anos antes. Já havia a informação de que existiam materiais dessa época. E, juntamente com ele e com Borges Coelho fizemos uma espécie de programa arqueológico para Mértola.

### Foram apenas apoiados pela Câmara de Mértola ou contaram com mais apoios?

Fomos inteiramente apoiados pela autarquia, o que é nor-

mal. Era uma oportunidade única, nunca tinha havido nada em Mértola. Existiam ruínas por todo o lado, fragmentos arquitectónicos pelas ruas, havia um parque arqueológico excepcional e nunca tinha existido nenhum tipo de trabalho sistemático, desde o velho Estácio da Veiga, no século passado.

Claro que a Câmara agarra esta oportunidade e dá-nos todo o apoio logístico possível pois, obviamente, não podia dar-nos nenhum apoio de tipo financeiro. Imediatamente começo a organizar os trabalhos para o ano seguinte, a arranjar equipas de voluntários e foi assim que as coisas começaram. A Câmara disponibilizou-nos alojamentos, onde montámos camaratas. E éramos nós que fazíamos a nossa própria comida, tudo com gastos mínimos, pois o dinheiro era muito pouco.

Mas foi um princípio interessante. Por um lado, começou-se a criar uma estrutura de equipa, que foi muito importante pois muitas destas pessoas ainda hoje estão ligadas a Mértola. E, por outro lado, era uma equipa que começou a ter uma certa coerência política. O projecto não era só científico e arqueológico, mas também tinha a ver com uma intervenção no local. E isso foi muito claro desde o início.

### Sempre com o apoio da população local?

Desde sempre tivemos a noção de que neste tipo de trabalho arqueológico não pode apenas haver a publicação de dados científicos em revistas da especialidade sem justificar localmente o que se anda a fazer.

Assim, logo no ano seguinte, fizemos uma exposição onde mostrámos, através de painéis e uma exposição didáctica, o que é que andávamos a fazer.

A área de museologia também esteve presente desde o início. Ou seja, escavar, fazer a publicação científica e, paralelamente tentar criar, organizar e sistematizar um discurso

# urbana ensina-nos a viver melhor



pedagógico local. Isto permitiu logo no terceiro ano, em 1980, termos já uma forte estrutura de inter-ajuda e interesse local. E mesmo de uma certa solidariedade e compreensão por parte da população local que começou a entender que talvez esta coisa da arqueologia fosse uma alternativa interessante para a região.

**Este tipo de escavações é feita dentro do próprio povoado. A compreensão da população local em relação aos trabalhos arqueológicos foi essencial?**

Claro. O mundo medieval não é como a arqueologia pré-histórica e clássica que habitualmente são levadas a cabo em zonas isoladas. Ali, era trabalhar no seio da própria comunidade. Portanto, tinha de haver uma integração muito forte e um respeito pelas pessoas, pelo seus hábitos de vida, pelos seus horários.

**"O mundo medieval não é como a arqueologia pré-histórica e clássica que habitualmente são levadas a cabo em zonas isoladas. Em Mértola, trabalhamos no seio da própria comunidade. Portanto, tinha de haver uma integração muito forte e um respeito pelas pessoas, pelo seus hábitos de vida, pelos seus horários".**

Em Mértola, Cláudio Torres estuda a Arqueologia Islâmica e descobre uma civilização desaparecida

Hoje já não é possível fazer um planeamento, uma gestão do território, sem pensar seriamente no facto arqueológico dentro da sua totalidade, seja um monumento, um sítio ou até um local que ainda não esteja escavado.

**Em que é que a arqueologia medieval difere da pré-histórica ou da clássica?**

Para já, não pode ser uma arqueologia de fim-de-semana, tem que ser a tempo inteiro. Na arqueologia pré-histórica podemos ter uma informação bastante fiável numa sondagem. O que procuramos são sociedades ainda relativamente pobres, do ponto de vista humano. Encontramos quatro ou cinco calhaus, uns restos de uma lareira, encontramos uma estratigrafia rigorosa e podemos perfeitamente localizar com rigor o tipo, a época e a própria estrutura da sociedade. Existe também uma arqueologia muito característica dentro da vila romana. Não há duas iguais, mas são muito parecidas, consegue-se retirar de uma sondagem o tipo de estrutura da vila que encontramos. Na arqueologia medieval, isso é impossível. Temos que abrir em área, e isso são trabalhos ciclónicos. Primeiro é uma casa, depois duas, depois são dezenas de casas.

**Neste caso já não é suficiente uma sondagem?**

Pois não. Imagine que numa escavação encontramos um muro. E é um muro de quê? Pode ser uma cozinha, de um salão de dormir, pode ser de muitas partes da estrutura de uma casa. Mais ainda: temos a certeza que o muro pertence a uma casa. Mas que casa? A estrutura urbana é muito complexa e não há duas casas iguais, como é óbvio.

No caso de Mértola, por razões históricas e devido ao abandono de certas zonas do interior que não tiveram o desenvolvimento urbano dos tempos modernos, tivemos e ainda temos campo aberto. Podemos abrir em área e perceber a estrutura completa. Já temos uma dúzia de casas, todas diferentes e começamos a encontrar tipologias e a ter uma informação mais rigorosa sobre aquela sociedade.

É impossível por isso fazer arqueologia deste género apenas ao fim-de-semana. A opção que tive de fazer, foi a de cortar com o mundo universitário e dedicar-me inteiramente à arqueologia no próprio local.

Fiquei a ser uma espécie de técnico da Câmara de Mértola e depois comecei a organizar a equipa. Logo em 85, que foi quando me fixei, um grupo importante optou também por ficar.

**Como é que a comunidade académica e científica reagiu ao que se estava a passar em Mértola. No fundo, com o seu trabalho, estava a reescrever a História. Foi complicado aceitarem estas novas descobertas?**

Foi e é normal. Nós também estávamos todos a aprender.



Havia algumas informações já retiradas pelo José Luís Matos, algumas tipografias mas ainda muito insipientes. Portanto, este período foi fundamental para começarmos não só a aprender novas metodologias como, principalmente, fazer o reconhecimento das estratigrafias, a aprender a catalogar todo o material encontrado.

Claro que por um lado havia um certo cepticismo e, por outro, dificuldades metodológicas. Tivemos ainda problemas com a publicação dos trabalhos. Levámos muito tempo a publicar, não só pelas dificuldades que existiam em relação ao nosso trabalho mas, principalmente, pelas dúvidas que tínhamos.

**É um dos problemas dos trabalhos pioneiros...**

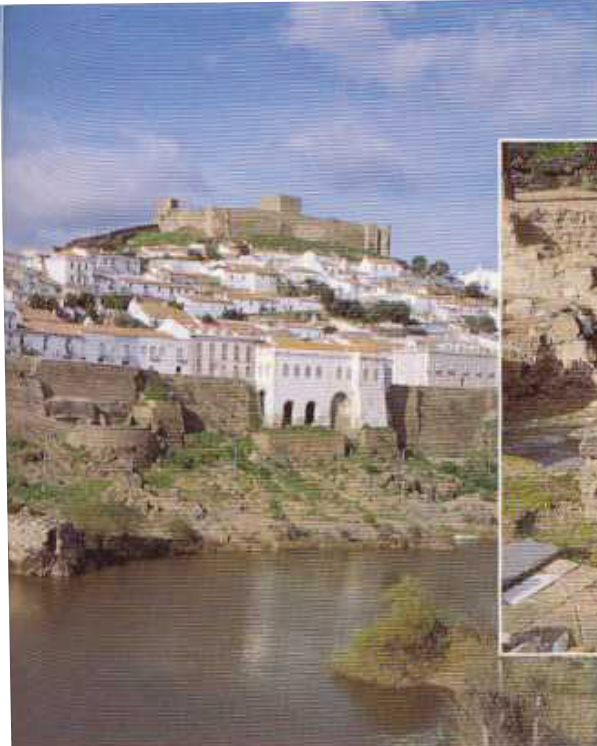
É. Tínhamos muito poucas certezas. Aliás, o que é curioso neste tipo de trabalhos, é que as dúvidas mantêm-se sempre. À medida que se vão resolvendo umas, vão surgindo outras. Nós hoje temos francamente muito mais dúvidas do que tínhamos no início, embora aquelas que na altura mais nos preocupassem, hoje, já tenham desaparecido.

Neste momento conhecemos bastante bem os materiais, sabemos datar com uma certa segurança extractos arqueológicos, mas continuamos a saber muito pouco sobre a estrutura da própria sociedade. Trata-se de população autóctone? É população de fora? Invasores norte-africanos, berberes? Sabemos que a vila, a estrutura urbana, são casas ligadas ao mundo mediterrâneo, mas o mundo rural já não, tem uma tipologia muito diferente.

Agora esse mundo urbano tem continuidade? Está ligado ao mundo tardo-romano? São todas dúvidas que não podíamos responder.

**A partir de quando é que começaram a ter outro tipos de apoios sem ser apenas os da Câmara de Mértola?**

Foi sempre um apoio exclusivamente local. Apenas em 86 conseguimos um primeiro apoio organizado da JNICT - através do Mariano Gago, que percebeu na altura a importância deste trabalho dentro da investigação em Ciências Humanas. Desde aí concorremos a mais financiamentos por parte da JNICT com projectos específicos. Mas são apoios esporádicos, sempre com uma certa dose de insegurança e instabilidade.



Depois de um longo período de desertificação, Mértola volta a renascer graças à Arqueologia

## A arqueologia, hoje, está a ensinar-nos outra vez o que perdemos em aspectos importantíssimos de gestão do espaço, da água e da terra.

**Foz Côa veio dar uma nova visibilidade à arqueologia pré-histórica. O que é que a arqueologia medieval ganhou com isso?**

Foz Côa foi muito importante e ainda está a sê-lo para a arqueologia portuguesa. Concretamente, no caso de Mértola, não trouxe nenhum reflexo directo. Mas em relação à arqueologia em geral, sim. Foz Côa veio introduzir um elemento novo na arqueologia: um vale inteiro. Um conjunto em que entra, pela primeira vez, um outro conceito que agora está a ter um reconhecimento mundial, que é a paisagem cultural.

Hoje já não é possível fazer um planeamento, uma gestão do território, sem pensar seriamente no facto arqueológico dentro da sua totalidade, seja um monumento, um sítio ou até um local que ainda não esteia escavado.

**O caso de Mértola é uma receita de sucesso. Acha que esta receita pode ser aplicada noutras regiões do país, ou cada caso é um caso?**

Não só pode ser aplicada, como está a ser aplicada. Não é uma panaceia, é mais uma postura: se quiser, um alerta das próprias autoridades locais, como as câmaras, as associações, que estão hoje perfeitamente motivadas para actuar em pleno desta forma. É curioso, mas isto também é uma forma de intervenção sobre o interior.

Há hoje uma procura das raízes, não é só uma procura das raízes históricas e arqueológicas, mas um processo muito profundo e civilizacional que pretende alterar uma evolução errada prosseguida já há muitos anos. O homem concentrou-se desde o século XIX nas megalópolis, destruindo e abandonando as origens, principalmente as origens alimentares - os dramas das vacas loucas, das galinhas com

toxinas tem a ver profundamente com este esvaziamento da própria lógica do exemplo alimentar deste interior rural. Não é por isso um regresso. É uma reconquista do espaço perdido. E este espaço é hoje visto na sua totalidade, não só com os seus elementos agregadores culturais, que é o caso da arqueologia, como principalmente da dimensão total desse mesmo espaço, seja a terra, a água, o ar, seja, principalmente, o ambiente e a sua natureza. Esta tentativa de biodiversidade, em que o homem está inserido no seu passado tem a ver com uma nova gestão deste mundo.

**A Arqueologia Urbana pode ensinar-nos a viver melhor?**

De certa forma sim. Em Mértola temos uma equipa que se está a dedicar cada vez mais ao estudo da alimentação e estamos a encontrar testemunhos não só de como se cultivavam várias espécies, mas também de como é que essas espécies eram comidas.

Este contacto do homem com o meio dá-nos a certeza de que estes elementos estranhos do nosso quotidiano, como o fast-food americano, estão a modificar completamente o nosso corpo, a destruir o invólucro da própria cultura e qualidade de vida.

Estes mecanismos estão profundamente ligados entre si e a arqueologia hoje está a ensinar-nos outra vez o que perdemos em aspectos importantíssimos de gestão do espaço, da água e da terra. Temos de salvar o que resta ainda de sabedoria, como por exemplo a forma de trabalhar a terra: uma sabedoria de milénios de experiência.

**Como por exemplo as técnicas de construção. Estamos a assistir a um revivalismo da construção em taipa, uma técnica com milénios.**

É verdade. Estas técnicas de construção, em taipa, com terra, estão a ser recuperadas em zonas urbanas, em zonas cultas, digamos assim. É a velha história. Tudo aquilo que o homem foi construindo e que parecia ser uma panaceia, esquecendo o ensinamento de milénios de civilização, hoje, começa a verificar-se como tendo sido um erro. O recuperar deste tipo de técnicas, como o da construção em taipa, pode ser fundamental para a nossa própria sobrevivência. E isso é uma lição da arqueologia urbana.